



Apesar de dizer que “apenas cumpre mandato-tampão”, Viana tenta se cacifar para permanecer na presidência

■ Viana quer imprimir seu estilo

Karla Correia

■ BRASÍLIA. Ele acorda “com os passarinhos”. Quer “promover a paz”. Nem uma candidata a Miss Brasil seria capaz de esbanjar tanta simpatia quanto o presidente interino do Senado, Tião Viana (PT-AC) tem feito nos primeiros dias de seu mandato-tampão. Jurando de pés juntos, é claro, que não é candidato ao posto. Para evitar qualquer suspeita infundada, recusa-se até mesmo a ocupar a luxuosa residência oficial do Senado.

E Viana tem aproveitado cada minuto desse mandato. Chega cedo ao Senado – na segunda-feira, surpreendeu os funcionários da Casa ao entrar em seu gabinete às 8h15. Ontem, bateu seu próprio recorde e chegou às 7h30. Nem o pessoal da limpeza havia chegado. Irritou os

setoristas do Senado ao conceder entrevista exclusiva a uma repórter de uma emissora de televisão e, preocupado em agradar a todos, convocou de imediato uma coletiva. Negou, mais uma vez, ser candidato a permanecer na cadeira que ora ocupa interinamente.

– Entendo que só tenho que pensar no mandato-tampão que estou cumprindo, que é essa interinidade de 45 dias – pregou Viana, austero. – Renan Calheiros tem o direito de retornar à Presidência na hora que quiser ou após os 45 dias. Acho completamente inoportuno o debate sobre sucessão.

Tudo em nome da “pacificação” do Senado. O petista tem se preocupado em se cacifar como pedra fundamental da estabilidade que o governo quer ver na Casa. No segundo dia no cargo, chamou todos os líderes para fazer o plenário do Senado retornar à normalidade das votações. Ajudou a costurar um acordo entre governo e oposição que garantiu o retorno das votações, com a apreciação de duas medidas provisórias, duas propostas de emenda constitucional e nove indicações de

autoridades. Um exemplo de produtividade, em uma Casa que ficou praticamente parada durante os cinco meses de crise política.

Conversa daqui, apazigua dali, Tião Viana levanta suspeitas de uma ala do PMDB que vê com péssimos olhos o empenho do senador em arquitetar a “Pax Viana” – desde já objeto de ironia da oposição, que assiste de camarote o amadurecimento de um possível embate entre o PT – já mandatário na Câmara – e o aliado PMDB. Para o senador, uma disputa sucessória nesse momento só prejudicará o Senado. Diz, já de antemão, que seu partido não deve ambicionar o posto, que é de direito do PMDB. Teve o cuidado de visitar e prestar solidariedade a Renan Calheiros, em um gesto simbólico que prega a paz no Senado e entre os dois maiores partidos da base. Mas limpou os quadros funcionais do Senado que tinham sido ocupados por indicados de Renan. E não demorou a colocar seus próprios funcionários de confiança.

– O que fiz foi o que qualquer um faria – sentenciou Viana – que diz não ter pretensão de ficar no cargo.